

Música

O tenor interrompido

Ídolo de Pavarotti e parceiro de Maria Callas, Giuseppe Di Stefano levou a emoção e a simplicidade à ópera em uma carreira curta e acidentada, mas intensa e influente

Por Daniel Lima Imagens: www.giusepedistefano.it

Giuseppe di Stefano e a esposa saíam de casa, numa vila em Diani, próximo de Mumbasa, no Quênia, quando um grupo não identificado de assaltantes atacou o casal e atingiu a cabeça de Di Stefano, deixando-o gravemente ferido. Era dezembro de 2004. Por dias, um dos mais aclamados tenores da história esteve à beira da morte, em coma. O cantor finalmente acordou, após duas cirurgias no Quênia e uma transferência para Milão, na Itália, mas nunca se recuperou do incidente. Seria a reclusão definitiva para um tenor de carreira curta, cujo auge chegou tão rápido quanto se foi, mas que deixou marca indelével no ouvido e no coração de fãs de diversas gerações.

Nascido na vila de Motta Santa Anastasia, na Sicília, em 24 de julho de 1921, Giuseppe di Stefano mudou-se ainda criança para Milão. Apesar de cantar em corais na infância, iniciou treinamento vocal apenas aos 18 anos,



O tenor, que era ídolo de Luciano Pavarotti, não tinha a disciplina peculiar dos cantores de ópera: antes de suas apresentações, abusava de bebidas alcoólicas e fumava

estudando com os tenores Luigi Montesanto e Mariano Stabile.

Os estudos foram logo interrompidos pela 2ª Guerra Mundial. Convocado para servir na enfermaria do exército no *front* russo, passava o tempo cantando para os companheiros de batalhão. Ironicamente, foi a música que o tirou da batalha: o médico Giovanni Tartaglioni, entusiasta da ópera, reconheceu no rapaz um talento nato e julgou que ele teria mais serventia cantando, longe do exército, e o dispensou. "A maioria do regimento nunca retornou da guerra, incluindo o médico", relembra Di Stefano, que guardou uma fotografia de seu salvador pelo resto da vida.

De volta à Itália, trabalhou como cantor popular, apresentando-se em cinemas (antes do início dos filmes) até 1943, quando se mudou para a Suíça, onde finalmente iniciou sua carreira operística no rádio. Já demonstrava suas qualidades mais notáveis: a dicção impecável e cristalina, e a interpretação expressiva. Prezava, antes de tudo, a emoção e a simplicidade. "O ideal é que as pessoas não notem sequer que estou cantando", dizia. "Quero que a música de meu personagem soe natural, quase como a fala."

Di Stefano estreou em abril de 1946 na Itália, no Teatro Municipale, em Reggio Emilia, como Des Grieux na ópera "Manon", do francês Jules Massenet. Apresentou-se tão bem que logo repetiria o papel no Teatro dell'Opera, em Roma, e no La Scala, de Milão - duas das mais prestigiadas casas de ópera do mundo. No ano seguinte, já assinava um contrato com a gravadora EMI. Logo, atravessaria o Atlântico para cantar no Metropolitan Opera, em Nova York. Zarpava em alta velocidade para a condição de ídolo do mundo da ópera.

Talento, "Pippo", como era carinhosamente conhecido, apresentava um legítimo entusiasmo pela música - e também pelas mulheres e pelos prazeres da vida. Nem sempre soube, entretanto, conciliar essas paixões.

Os sinais eram claros desde cedo: chegou a estudar num seminário, mas abandonou a carreira religiosa ao se interessar por uma jovem tricoteira. Já tenor profissional, dispensava as convenções de preparo para as desgastantes performances no palco (mais especificamente, a abstinência sexual antes de apresentações, recomendada para conservação da resistência). Além disso, fumava, bebia e se esbaldava em festas - hábito mortal para tenores. Sua vida desregrada parecia ofender alguns fanáticos pela ópera. Em suas memórias, Rudolf Bing, diretor do Metropolitan, fala sobre o talento e a ambição de Di Stefano, mas também diagnostica suas óbvias fraquezas. "Como temi, sua falta de disciplina terminou por prejudicar uma carreira que seria comparada à de Caruso [um dos tenores mais famosos da história], mas não era para ser." Antes do inevitável declínio, no entanto, Di Stefano brilhou. Sua parceria com a expressiva soprano Maria Callas talvez tenha sido sua realização mais conhecida. Alcançaram o auge na mesma época, em meados dos anos 1950, e juntos interpretaram clássicos como "Tosca" e "Lucia di Lammermoor". Apresentaram-se na Itália, na Alemanha, nos EUA, no México e até no Brasil - cantando uma elogiadíssima "La Traviata" no Teatro Municipal, em São Paulo, em 1951. O dueto rendeu muitas outras apresentações marcantes, como a da "La Traviata" no Scala, sob direção do lendário cineasta italiano Luchino Visconti. O Scala, aliás, foi terreno prolífico para Di Stefano, que lá se apresentou 185 vezes em mais de 40 produções.

Com o final da década, sua carreira começava a definir, junto com sua voz e seu comportamento irregular. Começou a cancelar apresentações sob a justificativa de que uma alergia a fibras sintéticas havia inflamado suas cordas vocais. Entre os profissionais do mundo da ópera, a desculpa era encarada com ceticismo. Para muitos, os problemas vocais seriam resultado de sua técnica limitada, castigando sua voz em tons abertos demais. Os fracassos se seguiram pela década de 1960. Em 1963, cancelou uma apresentação na Inglaterra e o substituto foi um desconhecido: Luciano Pavarotti. Um grande fã, por sinal. "Lembro que briguei uma vez com meu pai", disse Pavarotti no documentário *O último tenor*, "porque escutávamos no rádio os tenores cantando, e Beniamino Gigli era o principal tenor daquela época [1890-1957]. Um dia, ouvimos uma voz jovem e não era Beniamino Gigli. Era Di Stefano. Eu disse: 'Pai, ouvi alguém de quem gosto mais do que Gigli'. Acho que foi a única vez em que meu pai me estapeou o rosto." No começo dos anos 1970, convenceu Maria Callas, já afastada dos palcos, a voltar à ativa para uma turnê. As apresentações, ainda que

razoavelmente bem recebidas pelo público, foram execradas pela crítica e afastaram definitivamente Callas, que morreu em 1977.

Depois disso, a carreira de Di Stefano praticamente terminou. Apresentava-se raramente. Enquanto isso, vozes como a de Pavarotti e Plácido Domingo arrebatavam o público. O tenor não se abalava. "Nunca tive inveja de ninguém", dizia. "Nunca precisei sair por aí dizendo que tive uma grande voz. Felizmente, fiz gravações em número suficiente para que as pessoas tirem suas próprias conclusões a esse respeito." Sua última performance foi em Roma, em 1992. Morreu em Milão, no dia 3 de março de 2008, aos 86 anos.

Foi em parceria com Maria Callas que Di Stefano alcançou o auge de seu sucesso, apresentando-se com a cantora em uma turnê que incluiu, em 1951, o Teatro Municipal de São Paulo

